

educação

RECENTE NO BRASIL, ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ONCOLÓGICA
CONTRIBUI PARA ATENÇÃO INTEGRAL AO PACIENTE COM CÂNCER

Mente sã, a nova aliada

Medicamentos fortes, efeitos colaterais agressivos, medo da morte, insegurança. Enfrentar o tratamento do câncer é um processo complexo, com implicações fisiológicas, psicológicas e emocionais que se sobrepõem continuamente. Diante desse quadro, em que a atenção integral é essencial para a melhoria da qualidade de vida do paciente, uma especialidade vem se tornando cada vez mais relevante: a Psicologia Oncológica. A abordagem é recente e, no Brasil, a obrigatoriedade da presença de profissionais de Psicologia Clínica em serviços públicos que atendem pessoas com câncer foi instituída em 1998, pela portaria nº 3.535, do Ministério da Saúde.

Para a presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Oncológica (Sbrapo), Cristina Volcker, a medida abriu novas oportunidades de trabalho, mas o constante aumento do número de pacientes com câncer faz persistir a demanda por profissionais especializados. “São poucos os cursos disponíveis no Brasil e os profissionais adquirem conhecimento na área por meio da experiência cotidiana. Nos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a maioria dos psicólogos que atua em Centros de Alta Complexidade em Oncologia (Cacons) não conta com formação específica na área”, afirma.





Em contrapartida, a chefe do Setor de Psicologia do Hospital do Câncer III, do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), Márcia Regina Costa, observa que a procura pela especialização em Psicologia Oncológica está crescendo no país. “Em 2011, a Residência Multiprofissional do INCA recebeu 90 inscrições para as sete vagas destinadas a psicólogos. E, há um ano, o Curso de Extensão em Psicologia Oncológica da Universidade Veiga de Almeida (UVA), ministrado em parceria com a Sbrapo, vem contribuindo para a formação de profissionais que já atuam na área e bacharelados com interesse em conhecer melhor o trabalho do psicólogo na atenção oncológica”, aponta.

De acordo com as especialistas, a formação em Psicologia Oncológica é essencial porque o paciente com câncer requer uma atenção psicológica diferenciada. Por isso, é fundamental que o profissional tenha conhecimento sobre as questões inerentes à doença, como o medo da rejeição dos outros, a autorrejeição e a debilidade física, entre outros aspectos.

“O acompanhamento psicológico não pode ser visto como uma muleta, e sim como uma maneira de fortalecer o paciente para buscar seus próprios recursos para lidar com a situação”

Cristina Volcker, presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Oncológica

tos. “O psicólogo pode atuar de diversas maneiras, desde o momento da comunicação do diagnóstico até os cuidados paliativos, com atendimento individualizado ou em grupo. Mas o acompanhamento psicológico não pode ser visto como uma muleta, e sim como uma forma de fortalecer o paciente para buscar seus próprios recursos para lidar com a situação”, pondera Cristina.

Márcia Regina destaca a importância da Psicologia Oncológica no contexto da atenção multiprofissional. “O tratamento do câncer requer um trabalho interdisciplinar e integrado. Como psicóloga, eu não domino técnicas de fisioterapia, mas preciso reconhecer como os exercícios podem contribuir para minimizar a angústia do paciente, devolvendo sua capacidade motora e de socialização. O psicólogo deve estar inteirado sobre tudo o que ocorre durante o tratamento, dialogar com as outras áreas envolvidas”, afirma.

O trabalho em equipe multiprofissional já é preconizado no tratamento do câncer, mas de acordo com a psicóloga Juciléia Rezende, do Setor de Oncologia do Hospital Universitário de Brasília (HUB), essa interação nem sempre se dá de maneira orgânica. “Há cerca de cinco anos, ainda imperava em nossa instituição a mentalidade de que cada profissional deveria voltar-se exclusivamente para sua área de atuação, sem diálogo com as demais especialidades. Para ampliar a abordagem ao paciente, instituímos reuniões médicas semanais, com a presença de todas as áreas. Isso criou uma abertura para maior intercâmbio entre os profissionais da assistência e ajudou a difundir a importância não somente da Psicologia, mas de outras áreas do conhecimento no tratamento”, lembra.

DEMANDAS ESPECÍFICAS

Segundo a especialista, que também é coordenadora técnico-científica e professora dos cursos de Psicologia da Saúde e Hospitalar do Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento (Ibac), é preciso que o profissional esteja atento às especificidades de cada tipo de câncer. Pacientes com câncer de próstata podem ter problemas de ereção após o tratamento; já pacientes com tumores de cabeça e pescoço, especialmente os traqueostomizados, sofrem mais de baixa autoestima. “É muito comum recebermos pacientes com dependência ao álcool. O abuso da substância durante muitos anos pode levar ao câncer de boca e de esôfago. Esses casos demandam um atendimento para enfrentar não apenas o câncer, mas também o alcoolismo”, revela Juciléia.

Ela explica que o HUB adota um modelo diferente do de outras instituições, que optaram por criar um setor de Psicologia. Lá, cada serviço, como o ambulatório e as clínicas médica e cirúrgica, conta com sua equipe de psicólogos. “Os profissionais atuam de forma especializada, de acordo com a especificidade de cada serviço. Na braquiterapia e na radioterapia, por exemplo, temos um grupo que atua com manejo de estresse, enquanto na área cirúrgica são chamados psicólogos para lidar com a ansiedade antes da realização de algum procedimento.”

Todos os pacientes da instituição, que atende exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), recebem atendimento psicológico quando ingressam no ambulatório, onde é feita triagem para identificar aqueles que precisam de acompanhamento individualizado. “Observamos que muitas pessoas ainda acreditam que a atenção psicológica seria destinada exclusivamente para os ditos loucos, desequilibrados. A adesão ao acompanhamento psicológico gira em torno de 45%, mas os que recusam o atendimento num primeiro momento acabam



retornando em função de demandas como depressão e conflitos familiares”, observa Juciléia.

Psicóloga da unidade do INCA especializada no tratamento do câncer de mama, Márcia Regina destaca que há outras especificidades quando as pacientes são mulheres. “A mastectomia afeta a sexualidade e gera insegurança diante do parceiro. Por meio do atendimento ao casal, procuramos mostrar às pacientes que geralmente o temor é infundado, restabelecendo a confiança no companheiro”, conta.

Outro problema comum entre as mulheres é a preocupação com a organização familiar. Devido à complexidade do tratamento, muitas pacientes pensam em abandoná-lo para continuar dedicando-se aos filhos. “Nesse momento, o psicólogo oncológico assume o papel de interlocutor. Pela imagem associada à morte, o câncer torna-se tabu na família. Os parentes têm medo de tocar no assunto para não fragilizar ainda mais a paciente e ela, muitas vezes, prefere sofrer calada tentando preservar os familiares. Nesses casos, a intervenção do psicólogo é essencial para a adesão ao tratamento”, diz Márcia Regina. ■

CURSOS

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA ONCOLÓGICA

Profissionais interessados na especialização em Psicologia Oncológica podem se candidatar a uma vaga na Residência Multiprofissional do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). O curso tem duração de dois anos e exige dedicação exclusiva. Mais informações podem ser obtidas no *link*: http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=2619, pelo telefone (21) 3207-6021, das 9h às 16h, ou pelo e-mail secad@inca.gov.br. Já o Curso de Extensão em Psicologia Oncológica da Universidade Veiga de Almeida (UVA), ministrado em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicologia Oncológica (Sbrapo), é voltado para profissionais e estudantes do último ano de Psicologia. O curso tem duração de dois meses e disponibiliza 10 vagas por turma. Para saber mais, acesse a página www.uva.br/cursos/extensao/psicologia-oncologica.